

## REVISITANDO (NOSSAS) TRAJETÓRIAS EM LINGUÍSTICA APLICADA CRÍTICA

### REVISITING (OUR) TRAJECTORIES IN CRITICAL APPLIED LINGUISTICS

Matheus Augusto UTIM  
(Rede Municipal de Ensino de Itaberaí/GO)

Hélvio FRANK  
(UEG – Universidade Estadual de Goiás)

Camila dos Passos Araújo CAPPARELLI  
(UFG – Universidade Federal de Goiás)

**RESUMO:** A partir de uma revisão da literatura em diálogo com nossas trajetórias enquanto estudiosos<sup>1</sup> da área de conhecimento, o objetivo deste artigo é, primeiramente, delinear o avanço da Linguística Aplicada Crítica (doravante LAC) como campo de pesquisa de foro próprio e independente da Linguística e da Linguística Aplicada (LA). Para isso, compartilhamos nossas experiências científicas, observando evoluções e trajetórias do/no campo científico da linguagem em diferentes perspectivas e contextos, e desmistificando certos estereótipos que circundam a LAC, dentre os quais o de torná-la uma mera “aplicação da linguística”. Corroborando uma perspectiva crítica, sinalizamos o caráter inter/transdisciplinar da área, sua evolução articulada ao exame de problemas de linguagem no mundo real e, por fim, apresentamos algumas (de nossas) trajetórias sobre os estudos de gênero e sexualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística. Linguística Aplicada. Linguística Aplicada Crítica. Linguagem.

**ABSTRACT:** Based on a literature review and in dialogue with our trajectories as researchers in this area of knowledge, this paper aims, firstly, to discuss the progress of Critical Applied Linguistics (from now CAL) as an independent research field in relation to Linguistics and Applied Linguistics. For this, we share our scientific experiences, observing evolutions and trajectories of/in the scientific field of language in different perspectives and contexts, and demystifying certain stereotypes related to CAL, among which become it as a mere “linguistic application”. From a critical perspective, we point out the inter/transdisciplinary character of the area, its evolution articulated to the examination of language problems in real world, and, finally, we present some (of our) trajectories on gender and sexuality studies.

**KEYWORDS:** Linguistics. Applied Linguistics. Critical Applied Linguistics. Language.

---

<sup>1</sup> Com o propósito de promover rasuras na norma padrão da língua portuguesa escrita, neste texto, em vez de usarmos indistintamente o gênero gramatical masculino como forma “neutra”, optamos politicamente por nos identificarmos e identificar as referências genéricas exclusivamente na linguagem inclusiva.

## INTRODUÇÃO

A LAC tem cada dia mais se consolidado por meio de pesquisas e, com isso, se fortalecido enquanto abordagem decorrente da LA (Pennycook, 1998). Na contemporaneidade, tem se responsabilizado por enunciar, a partir da mobilização, uso, práxis e microrrelações de linguagem no mundo, questões de hegemonia, privilégio, marginalização, desigualdade, entre outras que se associam à dimensão do poder em sociedade. Pennycook (2001), em seu livro *Critical Applied Linguistics: a critical introduction*, parece inaugurar uma fresta pela qual a LA, até então muito restrita às investigações dos processos de ensino e aprendizagem em sala de aula, como ressaltam Menezes, Silva e Gomes (2009), passa a contemplar a abundância das práticas de linguagem em vida social.

Fazem parte desse movimento seminal os trabalhos de Rajagopalan (2003) e de Moita Lopes (2006a), no Brasil. Esses autores cooperaram para a difusão de novos rumos da LA, que, à época, pareciam não muito bem aventados e hoje se mostram mais encorpados. Assim sendo, o *fazer* da LA do século XXI se torna mais adepto da criticidade, mas sob um certo receio de dividir o campo de conhecimento que, até então, já era lido como ciência nômade pela lógica positivista do conhecimento, em razão de ter surgido e se mantido interdisciplinar.

Com base na história da LA brasileira e de sua transformação para ir se enunciando crítica (Soares; Zaidan, 2015), neste artigo lançamos um olhar para o referido campo de conhecimento, o qual dia após dia se expande com a incorporação de (novos) escopos, objetos, metodologias, teorias, e de suas desconstruções (Derrida, 1991). Diferentemente de propor uma historiografia ao campo, nossa pretensão é a de apenas contar uma versão, na qual se entrelaçam aspectos de uma trajetória enquanto ciência em conjunto com nossas trajetórias de envolvimento que nos situam na área.

Para tanto, assumimos a compreensão de Moita Lopes (2009, p. 11), para quem “uma área do conhecimento é construída através de uma série de discursos que socialmente a fizeram operar de acordo com o pensamento intelectual da época”, viabilizando o engajamento e o trabalho com a pesquisa conforme a filiação, segundo os objetivos e as práticas estudadas. Assim sendo, nas próximas seções, buscamos refletir sobre questões concernentes à LA e à LAC no Brasil, a partir do nosso olhar sobre esse campo de saber.

## DE PROBLEMAS LINGUÍSTICOS EM SALA DE AULA A PROBLEMAS LINGUÍSTICOS SOCIAIS, UMA LA

No Brasil, a LA começa a se implantar após meados da década de 1960 e tendo como um dos marcos desse estabelecimento, conforme citam Menezes, Silva e Gomes (2009), a criação do primeiro programa de LA ao ensino de línguas, em 1970, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. De lá para cá, o crescimento e a fixação do campo se mantiveram em constante ascensão, tanto na pesquisa quanto no ensino.

Em torno do que veio a se chamar LA, segundo Celani (1992), rodeavam-se – e, por vezes, ainda rodeiam-se – discursos que propagam ideologias assentadas na premissa de que se trata de uma “subárea” pertencente à “grande área” denominada Linguística. Essas representações geralmente se apoiam na perspectiva de LA correspondente à aplicação da linguística ou entendida como área que se preocupa com o ensino e aprendizagem de línguas, gerando “dificuldades que persistem até hoje” (Celani, 1992, p. 17).

A primeira dificuldade se dá por força de princípios positivistas de classificação estanque de conhecimentos, os quais não conseguem admitir uma união entre os campos Educação e Linguística para lidar diretamente com a dimensão do ensino e aprendizagem de línguas. Nesse ideal de compartimentalização científica, seria inapropriado transitar por entre essas áreas de conhecimento – e até mesmo por outras – para dar conta da complexidade em torno do objeto de estudo.

A polêmica iniciada desde a metade do século passado, relativa à integração dos campos, conforme nos lembram Menezes, Silva e Gomes (2009), se reserva ao fato de que a dimensão do ensino e aprendizagem de línguas não consegue fornecer subsídios teóricos apenas por via da Linguística, porque nessa dimensão estariam em voga conhecimentos de ordem pedagógica. Tampouco se restringiriam ao campo da Educação, porque problemas de linguagem deveriam ser tratados exclusivamente pela Linguística. Por conta dessa complexidade, nas palavras de Celani (1992, p. 15), “definir” e aceitar a LA “como área de conhecimento de foro próprio não tem sido tarefa simples”.

Por se tratar de uma área cambiante, parece inegável que a dimensão do ensino e aprendizagem de línguas acomoda muitas linhas e frentes de tratamento científico. De qualquer forma, urge relativizar concepções e problematizar determinados discursos, uma vez que a LA

não se caracteriza meramente como aplicação de teorias desenvolvidas em Linguística<sup>2</sup>. Em sua trajetória científica, com seus incontáveis métodos e modos de delinear os objetos de estudo, ela continua reivindicando a superação do abismo provocado pelo encaixotamento de áreas como Educação e Linguística, demandando o diálogo entre diferentes ciências para que determinados problemas sejam investigados.

Conquanto a LA brasileira hoje tenha se estabelecido como área independente (Almeida Filho; Oliveira, 2016) e alargado seu escopo e limite ao concentrar esforços em prol das questões de linguagem em práticas sociais (Menezes; Silva; Gomes, 2009), toda essa abrangência, que, inclusive, a faz se manter híbrida, complexa e multifacetada, tem sugerido repartições e delimitações sob ideais tendenciosos ao encapsulamento de seus propósitos e potencialidades na produção de conhecimento.

## **DE PROBLEMAS LINGUÍSTICOS EM SOCIEDADE A SUAS TRANSFORMAÇÕES, UMA LAC**

Desde a afirmação da LA enquanto ciência (Celani, 1992), o que no Brasil já passa, pelo menos, de três décadas, o então campo de conhecimento cresce exponencialmente para validar saberes que fundam Linguagem e Educação, articulando-se ou não com outras frentes dogmáticas de conhecimento científico.

a LA não nasceu como aplicação da linguística, mas como uma perspectiva indutiva, isto é, uma pesquisa advinda de observações de uso da linguagem no mundo real, em oposição à língua idealizada. Essa nova forma de fazer ciência abalou a academia e se confrontou com a pesquisa tradicional dentro de modelos teóricos e metodológicos muito rígidos. (Menezes; Silva; Gomes, 2009, p. 27).

Transpondo a dimensão do ensino e aprendizagem de línguas e chegando ao propósito de investigação de práticas sociais envolvendo linguagem, ou, como salienta Rajagopalan (2003), com engajamento na prática social, a LA tem procurado não legitimar apenas estudos e pesquisas calcadas em perspectivas tradicionalistas. Desse modo, têm se tornado comuns estudos mais recentes sendo alimentados por diferentes métodos e/ou mesmo abdicando-se de

---

<sup>2</sup> Rajagopalan (2003, p. 77) ressalta que “o campo de estudos que se convencionou chamar de ‘linguística aplicada’ surgiu à sombra da linguística”. Contudo, isso não faz da LA uma subárea, pois, segundo o autor, houve uma busca por emancipação com relação à Linguística.

determinadas metodologias para dar o tom fluído e dinâmico de suas explorações, se comparados com pesquisas conservadoras.

Com suas incertezas sobre a certeza de produzir leveza de pensamento e amenizar sofrimento humano por intermédio de pesquisas que lidam com linguagem e práticas sociais (Rojo, 2006), a LA se faz crítica e inclui, em sua agenda, diferentes e variadas maneiras de se fazer pesquisa, porque assim são as práticas que ela própria examina em sociedade: dinâmicas, complexas, imprecisas, falíveis, condicionais e diversificadas.

Em meio às disputas acadêmicas de interesse por território, prestígio e investimento, somadas à tradição clássica/moderna de se construir uma LA bem definida e monolítica, surge, no meio do caminho, uma ótica sortida para se pensar as maleabilidades das relações sociais e da própria linguagem se constituindo por entre tais práticas. Com isso, um desejo de se fazer transdisciplinar passa a ser também cogitado à LA (Rojo, 2006).

Todas essas novidades parecem abastecer um propósito, não muito bem avistado à época, o qual, se observado com as lentes de hoje, parece ter culminado em um surgimento gradual de uma LA-outra, isto é, de uma LAC como alternativa ao que até então se promovia, sob diversas referências, para torná-la amplamente re/conhecida no meio acadêmico: uma LA transgressiva (Pennycook, 2006), uma LA INdisciplinar (Moita Lopes, 2006a). É, portanto, nesse contexto que a fresta aberta pela LA permite contemplação não mais apenas de uma perspectiva de “aplicação”, mas de *multiplicação das práticas*.

As práticas de pesquisas e problematizações contemporâneas em LAC são evidenciadas pela linguagem e seus usos no cotidiano e na vida das pessoas. Sendo assim, o contorno de suas problematizações acaba por engendrar aspectos políticos no sentido de incutir, causar ou ocasionar transformações em sociedade. Nesse ímpeto, o esforço da LAC, diante da linguagem estudada a partir dos modos de vida, só produz sentidos, se as práticas sociais, observadas sob o foco da linguagem, produzirem melhoria de vida.

Ainda sobre os modos de fazer pesquisa em LAC, é relevante mencionar, em sintonia com Pessoa, Silva e Freitas (2021), que a construção de conhecimento, sobretudo em contextos educativos, sofre questionamentos pelas próprias pesquisadoras que se denominam linguistas aplicadas críticas, de maneira que, em boa parte desse fazer, não se concebe mais a divisão de *teoria e prática*. A recusa pela separação rígida do par dicotômico, tanto na forma de agir em campo quanto na forma de escrever o texto acadêmico, implica no reconhecimento de que, em

pesquisas ancoradas em LA, de cunho crítico, “teorias não podem ser dissociadas da prática” (p. 16).

Sob apegos e desapegos entre Linguística e LA, e a incursão dessa por uma razão crítica, chegamos às possibilidades de ressignificação dessa nossa área, que vem enfrentando desafios desde a sua instituição à sua constituição, justamente por negar se definir “a que veio”. Em constantes mutações e (des)(re)construções, a LAC insurge e segue, tentando, entre outras missões, destacar o papel discursivo-performativo das práxis, das pessoas, dos grupos e das comunidades na vida social (Moita Lopes; Fabrício, 2019).

Nessa empreitada, questões que demandam poder passam a ser informadas pelos estudos que se dizem linguístico-aplicado-críticos, visto que as “nossas práticas discursivas não são neutras, e envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas” (Fabrício, 2006, p. 48). Ao problematizar universalismos que podem causar marginalização e sofrimento humano, a LAC assume, portanto, caráter militante diante das pesquisas e produções de conhecimento que confrontam injustiças na busca por desconstruir desigualdades nas diversas esferas sociais pelas quais transitamos na vida (Rocha, 2013).

A LAC passa a ter peso de pós-modernidade em suas elucubrações e, em decorrência disso, a trazer contextualização imediata dos problemas perseguidos. Se estamos vivenciando a efervescência do pós-estruturalismo linguístico (Derrida, 1991), que, em relação com o mundo global e tecnológico contemporâneo, tem oportunizado trânsitos antes inimagináveis, por consequência do esfacelamento de verdades “sólidas” produzidas ao longo da constituição da história da sociedade ocidental/moderna, tudo o que se produz passa a ser discursivamente abalado, tornado “líquido” (Bauman, 2001, 2004, 2005, 2007).

Com a emergência de perspectivas provenientes de estudos culturais, a LAC nos faz repensar, em termos de pós-modernidade, a estabilidade/linearidade de nossas identidades, línguas, discursos e fronteiras, posto que agora esses processos se mostram constituídos por hibridismos culturais (Garcia-Canclini, 2015). Com o advento global e tecnológico, a vida e as relações constitutivas de linguagem se adensam, já que somos constantemente afetados por estímulos visuais e cognitivos, ou seja, por “uma multiplicidade de sistemas semióticos em jogo no processo de construção de sentidos” (Fabrício, 2006, p. 48).

Diante da miscelânea razoavelmente possível, a LAC adota a expansão de perspectivas (Monte Mor, 2018) para engrandecer a sua política contra a opressão humana, em favor das pluralidades. A pesquisa destinada a quem, sobre quem, por quem e para quem está à margem

da sociedade é amplamente disseminada. Tudo isso explica o *boom* de alianças com diversas áreas de conhecimento, trazidas e abordadas em seu escopo, com o objetivo de “*criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central*” (Moita Lopes, 2006b, p. 14, grifos nossos). São alguns dos endossos cooptados pela LAC: os estudos *queer* (Louro, 2018; Miskolci, 2016), feministas (Butler, 2017; Ribeiro, 2017), antirracistas (Almeida, 2018; Carneiro, 2011; Nascimento, 2019), interseccionais (Akotirene, 2019), de(s)coloniais (Cadilhe, 2020; Borelli; Silvestre; Pessoa, 2020), pós-coloniais (Spivak, 2010), pós-estruturalistas (Derrida, 1991; Ferraz; Mendes, 2021; Weedon, 1987), pós-modernos (Hall, 2015), entre outros.

Se o paradigma moderno de sociedade está sendo questionado perante as pesquisas que se afiliam à LAC, muito por conta dos desígnios trans- e interdisciplinares anti- e de(s)coloniais ecoados, de certo modo, esses acenos passam a se tornar intencionalidades que escancaram a relevância de se transformarem os processos que envolvem a produção de conhecimento e de pesquisa na integração entre teoria e prática (Rajagopalan, 2003).

Confirma-se, diante de tantas instabilidades, um esforço para situar uma LAC que se faça mais responsável às questões presentes em vida social (Pennycook, 2001, 2006). Nas palavras de Capparelli e Oliveira (2019, p. 68), a LAC se torna um campo “[p]ara além das questões relacionadas à compreensão e explicação da linguagem” que “problematiza o fato de as práticas sociais se correlacionarem com questões políticas”.

Caminhando pela areia movediça da sistematização, a LAC traz contornos que procuram instigar o fazer diferente ou o ir além da “LA tradicional, ainda comprometida com a descrição de usos da linguagem e que divorcia a pesquisa da vida social” (Rocha, 2013, p. 27). Para tanto, rebate a reprodução de um olhar positivista, assentado em uma suposta modernidade que ainda reverbera no mundo ocidental/moderno e nas práticas de pesquisas. Em razão desses preceitos, busca, por meio de alternativas outras, vislumbrar uma “práxis em movimento” (Pennycook, 2006, p. 67), se esquivando de definições e classificações acachapantes, especulando totalidades, generalizações, descontextualizações e impessoalidades, entre outras complexidades relacionadas à vida na contemporaneidade.

Logo, é sempre oportuno pensarmos que definições que se pretendem absolutas e sólidas limitam o debate sobre o que podemos entender, abrigar e acolher como LAC, já que as necessidades contemporâneas se complementam em uma relação que é tensa, integrada, totalitária, e, ao mesmo tempo, localizada, não fixa, plural e contingencial. Desse modo, refletir

sobre a LAC consiste em se resguardar de categorizações estanques e redutoras (Moita Lopes; Fabrício, 2019). O terreno é amplo, assim como o é a convocação de possibilidades científicas, de acordo com o exame de cada prática social a ser estudada, em prol de justiça social.

### **SOBRE *LEVEZA DE PENSAMENTO* E TRANSDISCIPLINARIDADE EM LAC**

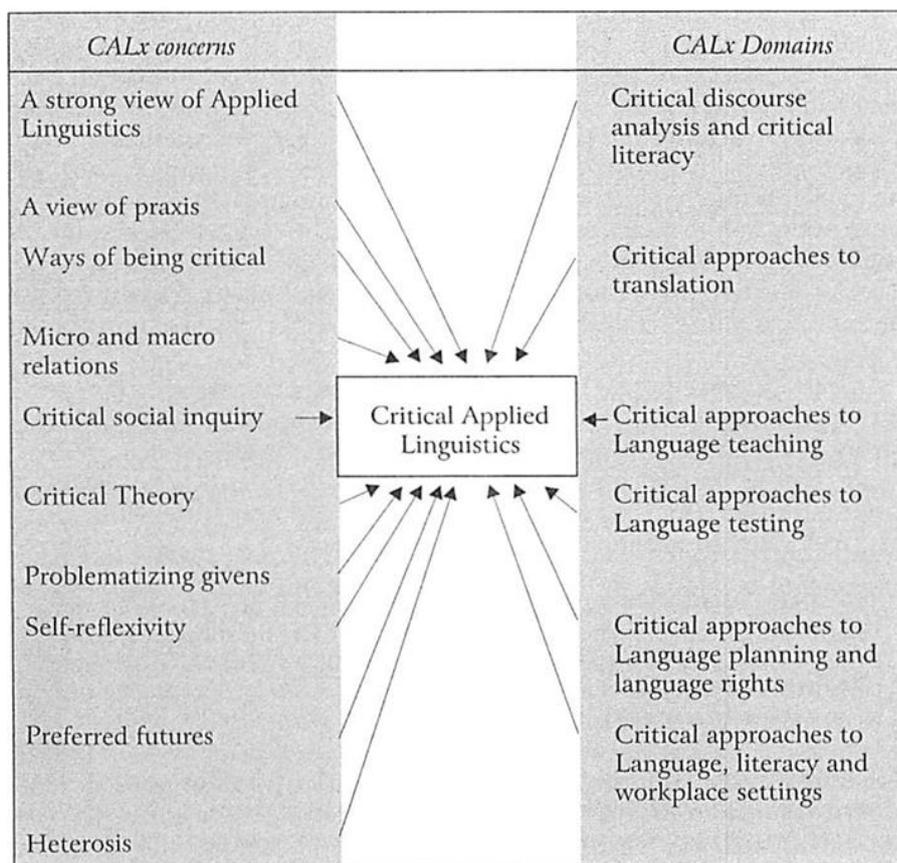
A LAC tem, na concentração de estudos bakhtinianos, a empreitada social da linguagem. Com a abundância de relações linguísticas, os problemas de pesquisa em LAC acolhem áreas, antes inter-, e agora, transdisciplinares ou indisciplinadas, como sugere Moita Lopes (2006a). Esse esforço ecumênico de campos do conhecimento para se pesquisarem determinados fenômenos sociais representa a “*leveza de pensamento*”, buscando “enfrentar [...] a *privação sofrida por sujeitos, comunidades e instituições*”, conforme advoga Rojo (2006, p. 254, grifos da autora). A autora almeja:

[q]uero defender/redefinir a *transdisciplinaridade* como a *leveza de pensamento* necessária para compreender, interpretar e interferir nas realidades complexas representadas pelas práticas sociais situadas. A densidade, a relevância e, muitas vezes, a urgência dos problemas postos à LA (o peso da *privação sofrida*) exigem uma *leveza de pensamento* capaz de articular, de maneira dialógica e eficaz, os saberes de referência necessários a sua interpretação e resolução. (Rojo, 2006, p. 259, grifos no original)

Ancoradas nessa perspectiva, pesquisas em LAC se constituem e se dão pela/na transdisciplinaridade, pois, tomada como ciência social, ao problematizar o uso da linguagem em contextos mais amplos, escolares ou não, busca abranger, segundo a autora: “o papel das trocas linguísticas na constituição das identidades (de sexualidade, raça, gênero etc.), [as quais] têm emergido como temáticas importantes – senão privilegiadas – na área” (Rojo, 2006, p. 256). O uso da linguagem nesse viés prevalece, portanto, ideológico.

Com a sustentação de condições políticas e ideológicas da linguagem, torna-se impossível tomar como neutras as trocas linguísticas nas quais estamos engajados no cotidiano, uma vez que utilizamos a linguagem “não para descrever ou relatar algo, mas para *fazer* algo” (Austin, 1990, p. 12, grifos do autor). É nesse hemisfério de linguagem como constitutiva de pessoas que se permite, pelo próprio ato linguístico (Urzêda-Freitas, 2018, p. 39), a identificação generificada e racializada delas próprias em conexão com suas práticas e relações travadas, fazendo com que os sentidos se manifestem social e enunciativamente.

**FIGURA 1 – Preocupações e domínios da LAC**



**Fonte:** Pennycook (2001, p. 20).

Para além das encruzilhadas disciplinares, a LAC se apresenta – agora mais ainda – transfusa, e é com base nessa premissa e considerações que nós, linguistas aplicadas críticas, transitamos por entre as várias e distintas áreas do conhecimento, se assim entendemos que tais diálogos e trânsitos viabilizarão um olhar que nos “aproxime” (Moita Lopes; Fabrício, 2019) e nos possibilite uma compreensão mais acurada sobre o objeto de investigação (Silva, 2011).

Por esse motivo, as propostas de trabalhos em LAC acabam escapando à rigidez disciplinar, tomando, portanto, um rumo transdisciplinar, conforme os domínios e preocupações expostas na figura acima. Diante disso, é muito comum que venham à tona questionamentos e asserções que apontem para o aprisionamento da pesquisa à camisa de forças das áreas encapsuladas, as quais, ao bel prazer da modernidade, não aceitam seu perfil INdisciplinar.

Em nossas trajetórias acadêmicas locais, geralmente quando nos posicionamos como linguistas aplicadas críticas e apresentamos nossos estudos, surgem perguntas tendenciosas à

DOSSIÊ “INTERFACES DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS”

REVELLI, Vol. 15. 2023.

ISSN 1984-6576.

E-202319

compartimentalização e engavetamento das práticas em apenas uma fonte de saber por parte de linguistas especializadas: “Onde está o aspecto da língua/linguagem em seu trabalho?” ou “Seu trabalho não seria mais sociológico do que linguístico?”

De modo contrário, para se fazer LAC é preciso se despir dessa exclusividade de olhar e entender a linguagem como circuito dinâmico e relacional que se apresenta às práticas sociais. É ela que enreda as relações sociais e produz o saber. A esses guardiães do conhecimento e demarcadores de lugares científicos, a fim de que não continuem interpelando nossos fazeres com afirmações do tipo “o seu trabalho é sociológico”, é preciso voltar a Bakhtin (1992), para que relembrem a inexistência de sociedade sem linguagem.

Nosso compromisso com uma LAC, hoje, exige que estejamos sempre atentos às máscaras positivistas que tentam nos tragar pela presença de subjetividade. O nosso trabalho é “com pessoas”; mesmo que o fosse “sobre pessoas”, ainda assim, aquelas que registram e informam a pesquisa são pessoas constituídas de ideologias e subjetividades. De semelhante modo são os recortes escolhidos que decidimos levar para o texto acadêmico: escolhas ideológicas eminentemente intencionais e políticas, portanto, subjetivas.

## **POR ENTRE FRESTAS DA LAC, UMA ÚLTIMA CONTEMPLAÇÃO**

Com a irrupção de perspectivas críticas e, mais recentemente, de perspectivas de(s)coloniais em LAC (Borelli; Pessoa; Silvestre, 2020; Cadilhe, 2020; Pessoa; Silva; Freitas, 2021), outro ponto que, a nosso ver, confere identidade à LAC, é o enfoque nos aspectos situado e local reivindicado por trabalhos desenvolvidos na área, refutando universalismos (Oliveira, 2018; Silvestre *et al.*, 2022). Com essa prática, narrativas hegemônicas que imperavam/imperam no Ocidente/na modernidade passam não só a ser questionadas e problematizadas como também passam a ser vistas a partir de perspectivas locais e situadas (Moita Lopes, 2006a, 2006b). Assim, surge outra característica bastante cara ao campo: a contingência do problema, ou seja, é necessário que determinado problema de pesquisa se insira no específico contexto de suas formulações.

Nesse sentido, Moita Lopes e Fabrício (2019) argumentam em prol de uma “proximidade crítica”, cujo objetivo centra-se na desestabilização de distanciamentos que ainda persistem na produção de conhecimento, tendo em vista que,

[s]e tradicionalmente a pesquisa modernista apagou o sujeito social na produção de um conhecimento positivista, quantificável, experimental, generalizável e objetivista [...] a pesquisa em LA em seu desenvolvimento no Brasil o coloca como crucial em sua subjetividade ou intersubjetividade, tornando-o inseparável do conhecimento produzido sobre ele mesmo assim como das visões, valores e ideologias do próprio pesquisador. (Moita Lopes, 2013, p. 16-17).

Com base nessas considerações, não estamos afirmando que os estudos desenvolvidos sob enfoque quantitativo não sejam pertinentes. Entretanto, concordamos com Almeida (2018, p. 121), para quem a “desigualdade pode ser expressa em dados estatísticos e quantificada matematicamente, mas sua explicação está na compreensão da sociedade e de seus conflitos”. Logo, é a abordagem qualitativa que viabiliza pensarmos as pessoas munidas de sua (inter)subjetividade em construção e a linguagem imbricada nesses processos sociais, a qual também se mostra como local e situada, não mais universalizada.

Por consequência, a noção de sujeito coerente e unificada é solapada, visto que agora o enfoque dá-se sobre aquela que movimenta as práticas sociais de linguagem no mundo tomado em sua incompletude, fragmentada e constituída não por uma identidade, mas por identidades (Hall, 2015; Moita Lopes, 2002; Oliveira, 2018), no plural, emergidas e mobilizadas estritamente na maleabilidade do uso da linguagem ao negociar a vida em sociedade e dentro de esferas sociais de produção.

Nesse contexto, pesquisadores em LAC, assim como as pessoas que se inserem nos cenários pesquisados, são vistas em termos (transitórios ou não) de gênero, raça, sexualidade, classe e demais interseccionalidades. Afinal, a linguagem não está apartada das identidades que nos constituem e que balizam nossas performances ao longo da vida. Com isso, premissas normalizadas são tensionadas, pois os estudos desenvolvidos em LAC consideram os sentidos que pesquisadores e pessoas concebem ao se engajarem, juntas, na produção de conhecimento, uma vez que “o distanciamento crítico não faz mais sentido (se alguma vez fez?)” (Moita Lopes; Fabrício, 2019, p. 713).

Nessa trajetória rumo a tornar a LA “mais responsável politicamente” (Soares; Zaidan, 2015, p.872), parece não haver um limite de cobertura temática, uma vez que os problemas surgem como objetos e objetivos de pesquisas, ao mesmo tempo que a ciência da LAC passa a ser reivindicada, com suas teorizações, para melhor delinearlos de uma ou mais perspectivas. Todavia, ainda que não haja limites temáticos para a propulsão deste campo de conhecimento, e ainda que não queiramos listá-los aqui, é oportuno avaliar que existem temas que permanecem

pouco explorados – e até mesmo invisibilizados – no campo, muito por conta do caráter circunstancial e efêmero de suas temáticas geralmente levadas à tona pelo imediatismo de suas ocorrências no mundo.

## **ALGUMAS (DE NOSSAS) TRAJETÓRIAS EM LAC**

Nossas trajetórias se enlaçam a trajetórias mais contemporâneas vislumbradas pela LAC. Na dimensão crítica, decolonial ou mesmo *queer*, como opção, temos nos enveredado por estudos como os de Moita Lopes (2006a), Borba (2020, 2022) e Bezerra (2023), que têm problematizado performances<sup>3</sup> identitárias sobre questões de gênero e sexualidade, tendo como contexto de análise práxis educacionais e formadoras docentes. Recentemente, escrevemos um texto suscitando reflexões acerca da necessidade de desconstruir as assimetrias de gênero no universo acadêmico ao focar histórias e vivências narradas por uma aluna do curso de matemática, configurando-se, assim, como um contexto educacional (Capparelli; Oliveira, 2019).

Em relação a nosso compromisso social de militar sobre questões de gênero e sexualidade politicamente por meio da LAC, Utim e Oliveira (2019) problematizaram narrativas de um garoto transgênero no contexto escolar, analisando, por meio dos relatos que estruturam o texto, percalços vivenciados pelo rapaz em transição de gênero em um ambiente em que impera a *inteligibilidade de gênero* (Butler, 2017) e a docilização dos corpos para se adequarem às normas de gênero e sexualidade que imperam na sociedade.

Outro exemplo de análise das identidades, com o amparo da LAC, é o texto de Capparelli *et al.* (2018), em que referidas autorias mostram a importância de trazer à tona o debate sobre aspectos heterogêneos das identidades humanas em contextos situados, na tentativa de promover a equidade e a cidadania daquelas que não se identificam com essa inteligibilidade cultural das normas de gênero.

Temos, ao longo da jornada, optado pelo caminho pós-estruturalista de perceber as relações de gênero e linguagem, no sentido de construirmos um mundo menos opressor às pessoas que não se encaixam em padrões pré-determinados em sociedade. Nesse sentido,

---

<sup>3</sup> Aqui, performance não se refere à atuação teatral, mas a “modos de apresentarmos nós mesmo(s) e repetirmos [e também transgredirmos] tais construções na vida diária” (Rocha, 2013, p. 48).

entendemos que são fluídas as identidades, assim como os discursos que produzimos para nos tornar quem estamos nos tornando.

Ademais, conforme a pesquisa de mestrado de Capparelli (2020), os objetos de análise, quando articulados às nossas subjetividades e histórias de vida, tendem a produzir efeitos mais significativos, tanto em nós quanto no mundo a nossa volta. Por isso, sob o suporte da LAC, é possível vislumbrar outras formas de ser e existir no mundo, que se traduzem em novas maneiras de compreender, de pesquisar e de viver (com) a complexidade da vida social.

A perspectiva dos letramentos críticos levados às condições de gênero, raça e sexualidade também faz parte de nossas empreitadas, a fim de problematizar as injustiças sociais vividas por pessoas que não participam das convenções hegemônicas da cisgeneridade e da heterossexualidade em sociedade (Frank; Oliveira Júnior, 2023). Nossa mistura de pesquisa, política e vida se traduz em formas de encontrar alternativas para existirmos no mundo violento e desigual para com a diferença. Nesse sentido, temos feito LAC para tornar as pessoas menos ingênuas diante da alienação que a linguagem, sem um profundo tratamento de educação linguística, pode produzir nas pessoas.

Todos esses estudos apontados revelam trajetórias pelas quais a LAC e nós nos enveredamos, na tentativa de trazer ao “centro” aquilo que ainda hoje ainda se mantém visto como “periferia”. Para a linguagem, é isto que importa: trazer à existência, uma vez que a problemática passa ter nomeação conforme o ato linguístico. Não sabemos o que pode conter ou não nos estudos da LAC. Inclusive, essa indefinição é o que sustenta o caráter instável que se articula ao próprio fazer da área que irrompe. No entanto, uma simples constatação em vida social passa a automaticamente demandar uma responsabilidade cidadã a ser assumida por quem acredita que a linguagem ocupa uma função muito produtiva de significados nas realidades sociais e culturais diárias, nas identidades, nas práxis, nas existências.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste texto, buscamos explicitar (nossas) trajetórias que acenam para o campo da LAC, em comparação com a Linguística e a LA tradicional, e um pouco do que significa pesquisar ao pensar a vida na contemporaneidade sob a perspectiva dessa recente convergência

de área. Para atingir tal objetivo, não buscamos traçar uma historiografia<sup>4</sup>, mas tecer uma discussão, problematizando discursos que circundam e viabilizam ideias pré-concebidas sobre o que significa cada área e o que a diferencia em sua evolução de fazer científico.

Ancoradas em Menezes, Silva e Gomes (2009), tomamos a LAC como um campo aberto, cujas propostas e desenhos de pesquisa emergem conforme os fenômenos enfocados, sempre considerando o local e o situado para não cair no perigo de construção e reverberação de universalismos, dado que, como reforçam referidas autorias,

os congressos da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística) demonstram que a linguística não é mais a mesma, e que seus estudos formais constituem um grupo cada vez menor. A área foi invadida pelos estudos do discurso, do texto e da aprendizagem. Já a LA se aproxima cada vez mais dos estudos sociais com as pesquisas sobre identidade, as investigações de base psicanalítica e as divergências epistemológicas. (Menezes; Silva; Gomes, 2009, p. 48).

Ao tocar em temas dos quais a Linguística e a LA preferem se esquivar (Rajagopalan, 2003; 2013), a LAC é relegada à posição de outridade, de margem, pois causa espanto e perplexidade a nossas irmãs linguistas especializadas (Moita Lopes, 2006a), posto que é engajada social e politicamente com a desconstrução de desigualdades. Afinal, a LA que se diz crítica busca refletir sobre os efeitos materiais que envolvem as práticas discursivas às quais estivemos engajados durante a vida (Fabrício, 2006). Nós, por exemplo, tentamos encontrar a leveza de pensamento a partir da investigação sobre os temas gênero e sexualidade na área, observando como a linguagem opera nessas construções.

Além disso, ao problematizar aspectos enunciativos e contextuais que conferem identidade à LAC e que têm apartado seu modo de produzir conhecimento da Linguística e da LA tradicional, buscamos ressaltar aspectos de uma LAC que não “fale da” mas “fale à vida social” (Moita Lopes, 2006c, p. 98). Esse enfoque é muito pertinente, pois tangencia a forma como concebemos e trabalhamos como pesquisadoras que retomam, rearticulam e desconstruem não apenas sob um fazer linguístico apenas constativo, mas pretensiosamente performativo (Moita Lopes; Fabrício, 2019; Urzêda-Freitas, 2018).

Esse ideal de ação é nossa (ins)urgência contemporânea, de modo a amenizar as desigualdades sociais que se multiplicam por conta das diferenças latentes e imanentes, as quais

---

<sup>4</sup> Para uma abordagem historiográfica, conferir: Celani (1992), Moita Lopes (2009), Urzêda-Freitas e Pessoa (2012).

deveriam estar obrigatoriamente em coexistência, pois implicam existência e convivência com outras realidades. Se a pluralidade das coisas heterogeneiza os processos, e com a linguagem ocorre exatamente a mesma coisa, é (ins)urgente promover a horizontalidade de outros significados em coexistência, especialmente aqueles carregados por grupos marginalizados na sociedade, de maneira a “construir a compreensão da vida social com eles em suas perspectivas e vozes, sem hierarquizá-los” (Moita Lopes, 2006c, p. 96). Apostamos, assim, que a linguagem poderá ser a forma política pela qual enunciaremos e denunciaremos os problemas do mundo real.

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes; OLIVEIRA, Hélio Frank de. Que área sustenta a formação de professores de línguas nas licenciaturas em letras (linguagem)? **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.19, n.1, p. 197-215, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15274>. Acesso em: 29 de ago. 2023.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução de Danilo Marcondes de Sousa Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1962].

BORELLI, Julma Dalva Vilarinho Pereira; PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana. Towards a Decolonial Language Teacher Education. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 20, n. 2, p. 301-324, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/XJ4gTF6cpJpNhsKfKCBmc6p/?lang=en>. Acesso em: 29 de ago. 2023.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BEZERRA, Fábio. **Linguística Aplicada Transviada: gênero e sexualidade nos estudos da linguagem em perspectiva descolonial, interseccional e transdisciplinar.** São Paulo: Pontes Editores, 2023.

BORBA, Rodrigo. Falantxs transviadx: linguística queer e performatividades monstruosas. **L&S Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 21, p. 388-409, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/35211>. Acesso em: 29 de ago. 2023.

BORBA, Rodrigo. Enregistering -gender ideology-. **Journal of Language and Sexuality**, v. 11, p. 57-79, 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade.** Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CADILHE, Alexandre J. Fabricando paraquedas coloridos: linguística aplicada, decolonialidade e formação de professores. **Raído**, v. 14, n. 36, p. 56-79, 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/11943>. Acesso em: 29 de ago. 2023.

CAPPARELLI, Camila dos Passos Araujo. **Problematizando performances discursivas sobre gênero e sexualidade em uma experiência de formação docente.** 2020. 102 f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, GO, 2020. Disponível em: <https://www.bdt.d.ueg.br/handle/tede/769>. Acesso em: 29 de ago. 2023.

CAPPARELLI, Camila dos Passos Araújo; OLIVEIRA, Hélio Frank de. Gênero no âmbito acadêmico: performance narrativa de uma aluna do curso de matemática. **Revista Ícone**, v. 19, n.1, p. 65-76, agosto de 2019. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/8922>. Acesso em: 29 de ago. 2023.

CAPPARELLI, Camila dos Passos Araújo; OLIVEIRA, Hélio Frank de; MEOTTI, Juliane Prestes; PINHEIRO NETO, José Elias. Problematizando identidades de gênero e sexualidade a partir de narrativas de uma professora de línguas. **Gláuks**, v. 18, p. 242-259, 2018. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/73>. Acesso em: 29 de ago. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Afinal, o que é Linguística Aplicada? In: PASCHOAL, Mara Sofia Zanocio de; CELANI, Maria Antonieta Alba (org.). **Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística aplicada transdisciplinar.** São Paulo: EDUC, 1992. p.15-23.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda do Couto. (org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas.** Campinas: Mercado de Letras, 1998.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade. *In*: FREIRE, Maximina M; BRAUER, Karin Claudia Nin; AGUILAR, Gabriel. **Vias para a pesquisa: reflexões e mediações**. São Paulo: Cruzeiro do Sul Educacional. Campus Virtual, 2017. p. 9-13.

DERRIDA, Jacques. Assinatura, acontecimento e contexto. Tradução de Joaquim Torres Costa, António Magalhães. *In*: **Margens da Filosofia**. Campinas, SP: Papyrus, 1991 [1971]. p. 349-373.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.) **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-63.

FRANK, Hélvio; OLIVEIRA JÚNIOR, Paulo Almeida de. Letramento crítico a partir das leituras de um livro paradidático. **Linhas Críticas**, v. 29, p. 01-21, 2023

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução Heolisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. 4. ed. 7. reimpr. São Paulo: Edusp, 2015.

FERRAZ, Daniel; MENDES, Maria Cecília Soares de Paula. Filosofias de linguagem pós-estruturalistas e decolonialidades: contribuições para a formação docente? **Odisseia**, v. 6, n. 2, p. 107-126, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/23227>. Acesso em: 29 de ago. 2023.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. 3. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MENEZES, Vera Lucia; SILVA, Marina Morena dos Santos; GOMES, Iran Felipe Alvarenga e. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. *In*: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. (org.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 25-50.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. rev. e ampl., 3. reimp. Belo Horizonte, Autência Editora, 2016.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercados das Letras, 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006a.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006b. p. 13-42.

DOSSIÊ “INTERFACES DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS”  
REVELLI, Vol. 15. 2023.

ISSN 1984-6576.

E-202319

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006c. p. 85-107.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. *In*: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. (org.). **Linguística Aplicada: um caminho com muitos acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo, Parábola Editorial, 2013.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; FABRÍCIO, Branca Falabella. Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em Linguística Aplicada. **Calidoscópico**, vol. 17, n. 4, p. 711-723, 2019.

Disponível em:

<https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.174.03>. Acesso em: 29 de ago. 2023.

MONTE MOR, Walkyria. Expansão de Perspectiva e Desenvolvimento do Olhar: um exercício de Letramento Crítico. *In*: TÍLIO, Rogério. *et al.* (org.). **Linguística Aplicada Para Além das Fronteiras**. 1 ed. Campinas, SP: Pontes, 2018, v.1, p. 299-319.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

OLIVEIRA, Hélvio Frank de. Discurso e identidade/s: diálogos e interfaces nos processos de ensino, aprendizagem e formação docente. *In*: HOLANDA, Janete Abreu; CASELLA, César Augusto de Oliveira (org.). **Linguagens, identidades e ensino**. Cidade de Goiás: Ed. UEG, 2018. p.13-28.

PENNYCOOK, Alastair. A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. *In*: SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. C. (org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, p. 23-49, 1998.

PENNYCOOK, Alastair. **Critical Applied Linguistics: A Critical Introduction**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84.

PESSOA, Rosane Rocha; SILVA, Kleber Aparecido. A.; FREITAS, Carla Conti. (org.). **Praxiologias do Brasil Central: sobre educação linguística crítica**. São Paulo, Pá de Palavra, 2021. Disponível em:

[https://www.academia.edu/50855967/Praxiologias do Brasil Central sobre educa%C3%A7%C3%A3o lingu%C3%ADstica cr%C3%ADtica](https://www.academia.edu/50855967/Praxiologias_do_Brasil_Central_sobre_educ%C3%A7%C3%A3o_lingu%C3%ADstica_cr%C3%ADtica). Acesso em: 29 de ago. 2023.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Política de ensino de línguas no Brasil: história e reflexões prospectivas. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente**: festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 143-161.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROCHA, Luciana Lins. **Teoria queer e a sala de aula de inglês na escola pública**: performatividade, indexicalidade e estilização. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: [https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS\\_d12a675a03ef9dc9c22e4466c88a0d09](https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_d12a675a03ef9dc9c22e4466c88a0d09). Acesso em: 29 de ago. 2023.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 253-274.

SILVA, Tiago Pellim da. **Performances narrativas de e sobre um professor homoerótico “fora do armário”**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

SILVESTRE, Viviane Pires Viana *et al.* **Movimentos críticos em educação linguística**: um gesto de afeto e gratidão à Rosane Rocha Pessoa. São Paulo: Pá de Palavra, 2022. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/362289988\\_MOVIMENTOS\\_CRITICOS\\_EM\\_EDUCACAO\\_LINGUISTICA](https://www.researchgate.net/publication/362289988_MOVIMENTOS_CRITICOS_EM_EDUCACAO_LINGUISTICA) Um gesto de afeto e gratidão a Rosane Rocha Pessoa. Acesso em: 29 de ago. 2023.

SOARES, Ana Luiza de Castro; ZAIDAN, Junia Claudia Santana de Mattos. O estado da arte da Linguística Aplicada Crítica no Brasil: um diagnóstico das pesquisas de LAC publicadas em periódicos. *In*: ICCAL – INTERNATIONAL CONGRESS OF CRITICAL APPLIED LINGUISTICS, 2015, Brasília. **Anais**. Brasília, p. 872-890.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

URZÊDA-FREITAS, Marco Túlio de; PESSOA, Rosane Rocha Pessoa. Rupturas e continuidades na Linguística Aplicada Crítica: uma abordagem historiográfica. **Calidoscópio**, vol. 10, n. 2, p. 225-238, 2012. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2012.102.09>. Acesso em: 29 de ago. 2023.

URZÊDA-FREITAS, Marco Túlio de. **Letramentos *queer* na formação de professorxs de línguas:** complicando e subvertendo identidades no fazer docente. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8444>. Acesso em: 29 de ago. 2023.

UTIM, Matheus Augusto; OLIVEIRA, Hélio Frank de. Diversidade de gênero na escola: problematizando narrativas de um garoto transgênero. *In:* BELTRÃO, Márcio Evaristo; BARROS, Solange Maria. (org.). **Transgressão como prática de resistência:** um olhar crítico sobre os estudos *queer* e a socioeducação. Cuiabá-MT, EdUFMT, 2019. p. 31-45.

WEEDON, Chris. **Feminist Practice & Poststructuralist Theory.** Cambridge: Blackwell Publishers, 1987.